

JORNAL DO



Classe

OPERÁRIA

Ano 85, sétima fase, nº 32, fevereiro de 2011

EGITO POPULAR

O poder do povo nas ruas

A resistência contra as ditaduras aliadas ao imperialismo cresceu na América Latina, desde a década de 1990, com grandes manifestações populares e a eleição de governos patrióticos e democráticos. Agora, quem se manifesta são os povos do Oriente Médio, onde a luta anti-imperialista se fortalece com as rebeliões de massa na Tunísia, no Egito e em inúmeros países da região e mostram que a roda da história não está parada.



Egito: um passo no rumo da derrota do imperialismo

O tabuleiro político do Oriente Médio está em movimento e a queda, dia 11, de Hosni Mubarak, no Egito, foi um lance de enorme importância. Mas ainda não é um xeque-mate para os antipopulares regimes amigos dos EUA e de Israel no Oriente Médio.

A queda de Mubarak indica na verdade o início do processo de mudanças mais radicais, que poderão ser consolidadas pela nova Constituição a ser elaborada e pelo governo que surgirá da eleição que será realizada em breve.

A palavra revolução é adequada para descrever os acontecimentos ocorridos desde 25 de janeiro. Como lembrou o ex-chanceler brasileiro Celso Amorim, a rebeldia no Egito surgiu em reação ao empobrecimento, ao desemprego, e à alta do custo de vida, entre outras questões, e também pelo forte sentimento anticolonialista e nacionalista que anima os egípcios.

Nesse sentido, a queda de Hosni Mubarak abriu o

caminho para as mudanças e foi uma derrota histórica para os EUA e Israel. A disposição popular de ir adiante não arrefeceu e o povo continua exigindo o cumprimento das promessas de mudança. Os jornais estão cheios de frases fortemente indicativas dessa disposição. Por exemplo, comentando a forte queda no assédio às mulheres que andam sozinhas pelas ruas, e que era tolerado até então, o escritor egípcio Alaa al Aswany comentou que “a revolução torna as pessoas melhores”. E torna também o povo mais determinado a não abrir mão de suas reivindicações.

A mudança começou. E ela precisa ir até o fim, com a conquista da democracia e com a derrota do imperialismo norte-americano e a vergonhosa convivência com o principal fator de perturbação da paz no Oriente Médio, o governo de Israel. O rumo da paz e da estabilidade depende agora deste outro passo que, ele sim, pode representar um xeque-mate para os inimigos do povo da região.



MANIFESTAÇÃO pelo salário mínimo de R\$ 580, São Paulo, reúne centrais sindicais

Aumentar o salário mínimo ou pagar juros?

Dilma derrapa na rota do avanço das mudanças e não quer discutir o valor do salário mínimo

A luta pela valorização do salário mínimo é uma etapa do confronto antigo, no Brasil, entre os escandalosos benefícios do capital financeiro e a melhoria da situação de vida e de renda dos trabalhadores. É uma luta em torno da apropriação dos produtos do trabalho e, neste começo de governo da presidente Dilma Rousseff, os rentistas que se beneficiam dos juros pagos pelo governo estão mandando no jogo e perto de marcar um gol.

Os conservadores dizem que há uma ameaça de inflação e que, por isso, o governo precisa cortar gastos e aumentar os juros – a mesma velha e falida receita conservadora que, nos últimos trinta anos rendeu – como se pode ver a partir de dados do Banco Central – 4,8 trilhões de reais em juros para os especuladores.

Para os trabalhadores sobrou, durante a maior parte desse tempo, o desemprego e o empobrecimento, com diminuição dos salários, precarização do trabalho e desorganização sindical.

Com Lula, esse quadro começou a mudar. Foi preciso muita luta para isso até que os sindicatos chegaram a um acordo com o governo para a valorização do mínimo atra-

O governo gasta, todo ano, R\$ 150 bilhões em juros, mas acha muito um mínimo de R\$ 580. Onde está o avanço prometido?

vés de sua correção por um índice formado pela inflação do ano mais o crescimento do PIB dos dois anos anteriores. Houve um “acidente” no meio do caminho: a crise econômica mundial. Ela repercutiu no Brasil devido ao acanhamento de alguns empresários que, medrosos, cortaram investimentos e empregos, fazendo o PIB brasileiro recuar em 2009. Lula e Dilma Rousseff haviam se comprometido com lideranças sindicais, em outubro de 2010, a não levar o recuo daquele ano em consideração para o cálculo da correção salário mínimo de 2011 mas, na hora H, foi o que prevaleceu, fixando o valor nos irrisórios R\$ 545 oferecidos pelo governo e que Dilma não admite negociar com as centrais sindicais.

Para onde vai o governo Dilma Rousseff? Ela vai avançar, como prometeu? Não parece: ao contrário, a decisão de nem sequer negociar com as lideranças

sindicais indica uma grande sensibilidade em relação aos especuladores e um menosprezo para com os compromissos assumidos com os trabalhadores.

Para avançar, a valorização do trabalho e da renda precisa continuar e o governo, na hora de acertar suas contas, precisa pensar principalmente em cortar juros, que são improdutivos e travam o desenvolvimento. E favorecer aos setores produtivos e aos trabalhadores, que com mais renda, gastam mais e estimulam o crescimento da economia. E o governo tem onde cortar: o gasto com os juros consome 150 bilhões de reais todo ano. Reduzir os juros significa diminuir esse gasto, aumentando a capacidade de investimento público e redistribuindo aos que trabalham renda que engorda os especuladores. Este é o caminho do avanço, no qual Dilma Rousseff parece estar derrapando. ●

CHARGE

Dilma e seus cortes...



Outono/Inverno 2009



Verão 2010



Outono/Inverno 2010



Primavera/Verão 2010



Verão 2011

FANI

EM JANEIRO...

... tomou posse, em Brasília (dia 1º) a primeira mulher a exercer a Presidência da República no Brasil, Dilma Rousseff, com 55.752.529 votos de brasileiros que a escolheram para dar continuidade ao programa de mudanças nacionais indicado por Luiz Inácio Lula da Silva em 2003.

EXPEDIENTE

Proletários de todos os países, uni-vos! **Classe Operária**, jornal do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). **In Memoriam** de João Amazonas **Secretário Nacional de Comunicação:** José Reinaldo Carvalho **Redação:** José Carlos Ruy (editor) e Priscila Lobregatte (redatora) **Jornalista responsável:** José Reinaldo Carvalho. **Diagramação:** Andocides Bezerra **Contato:** Rua Rego Freitas, 192 - São Paulo - SP - CEP: 01220-010 **Tel.:** (11) 3054-1800 **E-mail:** classe@pcdob.org.br www.vermelho.org.br/classe

Passe livre

Estudantes de Salvador (BA), no dia 7, e de Vitória (ES), no dia 9, saíram às ruas pelo passe livre e em protesto contra o aumento na tarifa dos ônibus urbanos. Na capital baiana já ocorreram várias manifestações desde 1º de janeiro, quando houve o aumento. Em Vitória, os estudantes também exigem o passe livre.

Região Serrana do Rio de Janeiro

A deputada comunista Jandira Feghali quer formar uma comissão parlamentar, na Câmara dos Deputados, para acompanhar o socorro às vítimas dos deslizamentos e enchentes na região serrana do Rio de Janeiro. “O momento é de dor. E nos impõe associarmos as ações de preservação, recuperação, sustentabilidade ambiental, políticas urbanas arrojadas e socialmente justas na região”, disse.



Parlamentar do ano em Natal (RN)

O vereador comunista George Câmara recebeu, dia 8, o título de Parlamentar do Ano de 2010 concedido pelo Comitê de Imprensa da Câmara Municipal de Natal. “Ser escolhido por esse Comitê, em meio a tantos parlamentares atuantes, muito nos honra e aumenta nossa responsabilidade”, disse o homenageado.

MA: Quilombola ameaçado de morte pede socorro

Manoel Santana Costa, líder quilombola do povoado Charco, em São Vicente Ferrer (MA), ameaçado de morte por grileiros, foi à Brasília pedir proteção à Secretaria de Política de Igualdade Racial da Presidência da República (SEPIIR/PR) e à Câmara Federal. Ele quer também punição para os assassinos de Flaviano Pinto Neto, morto em outubro de 2010 por pistoleiros a mando de grileiros.



“Todos os homens do mundo, na medida em que se unem entre si em sociedade, trabalham, lutam e melhoram a si mesmos”.

Antonio Gramsci (1891-1937), marxista italiano.

União pela mudança

As várias faces do poder popular

Pelo voto ou pelo protesto, povo mostra mundo afora que sua mobilização pode mudar a história

Uma das rodas que movem a história da humanidade é a união popular contra o arbítrio, a exploração, o abuso; pela liberdade, a democracia e melhores condições de vida e trabalho. Essa união pode acontecer através do voto ou da ocupação de espaços públicos em sinal de protesto contra algo que não vai bem. Também faz parte da trajetória das nações o empenho das elites, políticas e econômicas, em anular, reprimir ou mesmo exterminar tais manifestações.

O repúdio que as classes dominantes nutrem pelas necessidades do povo criou um véu que esconde o real caráter tanto das escolhas feitas democraticamente pelos “de baixo” quanto dos protestos e revoltas que de tempos em tempos podem explodir em diferentes lugares do mundo, por razões diversas.

O povo nas ruas mundo afora

Um exemplo atual de revolta popular está acontecendo no Oriente Médio. Tudo começou na Tunísia, quando um jovem ambulante, indignado com a opressão e com as condições de vida a que estava submetido, ateou fogo ao próprio corpo em sinal de protesto contra as autoridades.

Seu ato desencadeou manifestações que resultaram na renúncia do ditador tunisiano e foram o estopim para uma onda de protestos no mundo árabe.

Um dos reflexos mais simbólicos é o Egito, que há 30 anos vive sob um regime ditatorial – apoiado pelos Estados Unidos e Israel – e que agora reage contra a opressão e as péssimas condições do país. A população que foi às ruas conseguiu a



MILHARES de egípcios tomam as ruas do Cairo pela renúncia de ditador

renúncia do ditador Hosni Mubarak e luta pelo direito de escolher o seu futuro.

Mas não param por aí as manifestações mais recentes do povo. Os resultados da crise capitalista na Europa – que geraram desemprego, pobreza e cortes nos orçamentos públicos – fizeram com que portugueses, ingleses, gregos, franceses, italianos etc. ocupassem praças e ruas exigindo que os trabalhadores e a juventude não fossem penalizados.



GRÉCIA: população enfrenta a polícia em protesto contra a crise econômica

O voto popular mudando histórias

A América Latina não fica atrás. A região, que sempre reagiu contra os abusos dos poderosos e os dominantes estrangeiros, também vem transformando a história

Faz parte da trajetória das nações o empenho das elites em reprimir manifestações

através do poder popular.

Cuba foi pioneira no século passado, com a revolução de 1959, mas a última década foi especialmente marcante.

Em diversos países – como Venezuela, Bolívia, Equador, Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil – governantes populares, de esquerda, patrióticos e democraticamente eleitos chegaram ao poder para mudar a cara do continente.

O povo brasileiro também sabe reagir. Para ficar apenas nos exemplos mais novos, as eleições de Lula em 2002 e 2006 e de Dilma Rousseff em 2010 representam mudanças importantes. Desde que o ex-torneiro mecânico se candidatou à Presidência, sofreu o preconceito e a hipocrisia das classes dominantes que têm como porta-voz os grandes veículos de comunicação (tevês, rádios, jornais e internet).

E mesmo com campanhas pesadas e sujas, conseguiu ser

vitorioso, com ampla maioria dos votos, em duas eleições; fez um governo marcante e saiu com aprovação popular nunca vista no país: mais de 80%.

No ano passado, sua candidata à sucessão também experimentou o veneno da elite. Mas se elegeu. Tudo isso foi possível graças ao voto do povo, que não se deixou influenciar por discursos e, ao sentir na pele a melhora do país, decidiu pela continuidade.

O Brasil ainda é uma nação jovem, em construção, que precisa de muito trabalho para se transformar no país que merece ser. E mesmo no governo eleito, há forças conservadoras que certamente lutarão pelos seus próprios interesses. Por isso, o povo deve continuar atento, cobrando, participando e, sempre que necessário, sair às ruas para exigir mais de seus governantes e parlamentares. ●

Só crescimento econômico permite o combate à miséria

Segundo Renato Rabelo, para crescer é preciso cortar os juros e valorizar o real

Na aula no Curso de Nível 3 da Escola Nacional do PCdoB, no dia 4, Renato Rabelo, presidente do partido, pôs o dedo na ferida: para ter um desenvolvimento forte e contínuo com distribuição de renda, e avançar no projeto iniciado por Lula em 2003, Dilma Rousseff terá que aplicar uma política econômica diferente da atual, onde os juros altos e a valorização do real são obstáculos ao crescimento e à valorização do trabalho, do salário mínimo e da distribuição de renda.

Acabar com a miséria será um grande avanço social, mas não será possível fazer isso sem aumentar nosso índice de crescimento. Isso exige que se leve em conta estas duas questões que travam o processo de desenvolvimento: os juros e a sobrevalorização do real, disse o dirigente comunista.

Este é um desafio e tanto para a presidente. A alta taxa de juros aumenta a dívida do governo e só beneficia o setor



Priscila Lobregatte

EM debate na internet via Twitter, Renato Rabelo também defende outra política econômica para combater a pobreza.

financeiro, verdadeiro parasita da nossa economia, prejudicando os investimentos nas áreas produtivas que geram empregos para a população, disse ele.

A valorização do real, por sua vez, aumenta o valor da moeda nacional e isso preju-

dica a exportação, necessária para a criação de empregos e valorização do trabalho. Além do mais, a livre entrada e saída do dólar só favorece aos especuladores. O dólar entra, fica pouco tempo, ganha com os juros “e vai embora, sem beneficiar o país em nada”, explicou. Contra isso, Rabelo defendeu o controle da entrada, saída e do tempo de permanência do dólar no país. “Não pode existir essa movi-

Os conservadores chamam de “gastança” os investimentos do governo. Dilma precisa romper com eles para poder avançar

mentação livre de dólar como ocorre hoje. O controle é feito na maior parte do mundo. Ao lado disso, é preciso taxas de juros equivalentes às aplicadas em países semelhantes, senão o Brasil continuará atraindo especuladores”.

A mídia e os setores conservadores são contra esse controle e procuram saídas que atendam aos seus interesses, mesmo que prejudiquem o povo e o país. Isso explica a gritaria, nos jornais e na mídia eletrônica contra o que chamam de “gastança do governo” e em defesa do corte nos gastos públicos.

O que eles chamam de gastos na verdade são investimentos, lembrou Rabelo. Assim, o caminho que pregam, para a economia, é a paralisia, a recessão e a desindustrialização. É o que foi feito nos governos neoliberais de Fernando Henrique Cardoso, e o custo dessa política os brasileiros já conhecem e não aceitam.

O desafio de Dilma, portan-

to, neste começo de governo é avançar no que Lula começou, com soberania e distribuição de renda, enfrentando a crise sistêmica do capitalismo. Na avaliação de Renato Rabelo, a forma como o governo irá quebrar esse círculo vicioso e enfrentar esses obstáculos é que “mostrará o seu caráter avançado”. Por enquanto, criticou, o governo “não tem buscado soluções diferenciadas” embora a experiência recente tenha mostrado que o caminho do crescimento é a ampliação do crédito, o aumento real do salário – sobretudo o mínimo –, a elevação do consumo das famílias e da taxa de investimento.

Os conservadores dizem que esta questão é econômica ou técnica. Mas estão enganados, assegura Rabelo: ela é política. Os setores financeiros pressionam o governo em defesa de seus próprios interesses. “Para inverter a lógica rentista, é preciso luta política e social. Se fizermos um trabalho mobilizado, podemos vencer essa batalha”.



POR QUE SOU PCdoB

O que me faz estar no PCdoB é o fato de o partido ter uma compreensão clara quanto ao seu projeto estratégico – o socialismo – objetivo que está em sintonia com o que eu espero para uma sociedade melhor. Além disso, ao longo de sua história, o partido manteve sempre sua posição em sintonia com os anseios do nosso povo, com as causas dos menos favorecidos. Há 25 anos no PCdoB, tenho convicção de que estou no lugar certo para construir uma sociedade mais justa e democrática para todos os brasileiros e as brasileiras.

Olgamir Amâncio Ferreira,
secretária de estado da Mulher do Distrito Federal

PCdoB

Socialismo e novo projeto nacional de desenvolvimento

A implantação desse projeto exige a realização das reformas democráticas pendentes

Para resolver as questões de fundo que ainda emperram o progresso do país, o PCdoB defende reformas estruturais (política, dos meios de comunicação, da educação, agrária, urbana e tributária) além do fortalecimento do SUS, da seguridade social e a melhoria da segurança pública. “O partido foi o primeiro a falar de reforma do sistema financeiro; é uma luta contra os poderosos agentes rentistas. A reforma tributária é necessária porque a tributação vigente é

regressiva e intensifica a desigualdade”, explicou Rabelo.

O PCdoB, disse ele, tem a convicção de que é preciso juntar todos os partidos da base de apoio da presidente Dilma Rousseff para pressionar o PT em defesa de um projeto nacional de desenvolvimento, e este é – diz – um grande desafio.

Para ele, é preciso ter como horizonte a construção de um projeto nacional de desenvolvimento pois a luta pelo socialismo, nesse momento, “passa por isso”, esse

“projeto depende de reformas democráticas”.

Para ter um papel de vanguarda na defesa do desenvolvimento, disse Rabelo, “o PCdoB precisa sustentar sua identidade comunista, atualizada de acordo com o nosso tempo. Devemos ousar lutar com uma tática ampla e flexível aliada com nosso rumo: a transição da sociedade atual para a superior, que é socialismo. Temos, portanto, um duplo desafio: manter a identidade com uma tática ampla e flexível”. ●



Saiba mais sobre o PCdoB e filie-se: www.pcdob.org.br



Acesse também o portal da esquerda bem informada www.vermelho.org.br